**AS NOVAS FORMAS DE AÇÃO SINDICAL NO BRASIL**: o caso dos eletricitários terceirizados

**Samuel Nogueira Costa**

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: [samuelnmonteiro@hotmail.com](mailto:samuelnmonteiro@hotmail.com)

**INTRODUÇÃO**

Um conjunto de fatores, entre os quais se acha o novo modo de organização da produção capitalista, os aspectos fundamentais da revolução tecnocientífica, o neoliberalismo enquanto projeto societário, razão estruturante de mundo e o novo modo de funcionamento da economia capitalista – elementos estes que propiciaram mudanças significativas na produção e nas relações sociais como um todo –, entre outros, não só interferiram no modo como se estabelecem os organismos de representação e associação de classe, abrangendo aí tanto seus aspectos de *instituição* (sindicato) quanto de *movimento* (sindical), como também influíram na forma de operacionalização de sua ação coletiva pela juventude trabalhadora.

A nosso ver, a “crise” atual por que passa o sindicalismo tem, de acordo com a bibliografia pesquisada, os dados levantados e a pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, relação direta – e em diferentes níveis: estrutural, conjuntural etc. – com esse conjunto de fatores. Em resumo, acreditamos que formas variadas de ação coletiva sindical, como greves, negociação coletiva, paralisações e outras, foram afetadas em alguma medida pela reestruturação capitalista, de que a terceirização[[1]](#footnote-2) é, sem sombra de dúvidas, parte integrante. Por outro lado, não compactuamos com a tese de que a terceirização do trabalho, em específico, tenha sido o único fator responsável pela crise de representatividade sindical. Esta última, carrega consigo elementos provenientes da expansão da terceirização, mas não somente, já que também é resultado da ausência do sentimento de pertencimento dos associados à entidade sindical, pela “politização” dos sindicatos, pelo desvirtuamento de demandas, pela facilidade da subjetivação do ideário neoliberal, pelo processo de burocratização e envelhecimento das lideranças, pelo conflito geracional dos associados, entre outros, fatores esses que estão localizados não apenas em uma, mas em diversas esferas sociais.

A partir da análise de um conjunto amplo de autores, buscamos compreender, em suas múltiplas dimensões, dois movimentos de um mesmo processo (reestruturação produtiva e neoliberalismo = reestruturação do capital), norteadores do conjunto de respostas do capital à crise estrutural do início da década de 1970. Temos como objetivo: 1) lançar luz às dinâmicas macroestruturais do capitalismo global que deram origem à nova morfologia do mundo do trabalho, com enfoque em três aspectos fundamentais: político, econômico e ideológico; 2) e levantar quais os principais impactos derivados dessa reestruturação para os jovens trabalhadores e para as entidades representativas da classe eletricitária e sua consequente ação política.

**METODOLOGIA**

Para a investigação por nós proposta, proceder-se-á metodologicamente com base nas técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa. Serão empregados os recursos da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico a partir do levantamento da literatura especializada em sociologia do trabalho e de obras de suporte das áreas da ciência política, economia e sociologia geral. Com base nesse ferramental bilbiográfico, travar-se-á a discussão teórica em torno das teses sobre o mundo do trabalho e o setor elétrico, em especial no movimento de flexibilização e precarização do trabalho da juventude eletricitária terceirizada e suas formas de ação sindical.

Ainda no que tange à pesquisa qualitativa, serão utilizados trechos de entrevistas semiestruturadas com quatro jovens (dirigentes sindicais da nova geração), cujo destaque na condução política dos afazeres do aparato de representação dos trabalhadores é inegável, filiados ao Coletivo Nacional de Eletricitários – CNE, a fim de apreender em seus relatos os problemas relativos à terceirização e precarização do trabalho, os motivos de sua implementação, os conflitos existentes nos postos de trabalho, bem como se dá a atuação dos sindicatos enquanto movimento frente a essa nova forma de gestão laboral.

Para auxílio no mapeamento do quantitativo de trabalhadores terceirizados e seus níveis de acidentalidade, recorrer-se-á aos bancos de dados e arquivos da Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL e as informações disponibilizadas nas demonstrações contábeis das empresas do setor. Para dados gerais que venham a apoiar a argumentação em relação à referências ao mercado de trabalho, serão usados relatórios e pesquisas produzidos por fontes oficiais como a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego – MTE e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma contribuição importante em direção a uma ação coletiva sindical qualificada seria o entendimento de que não é permitida a exclusão, ante nenhum pretexto, dos trabalhadores terceirizados nas instâncias sindicais. Para que os sindicatos consigam revitalizar-se, seja através de greves, paralisações ou negociações coletivas, *i.e.*, se o objetivo último for construir caminhos vários para a ação política organizada dos trabalhadores, uma agenda em prol dos terceirizados – que seja capaz de articular temas complexos como a questão de gênero, raça, classe, identidades, a juventude precarizada, ecologia, saúde pública, por exemplo, impulsionando uma maior interseccionalidade entre eles – deve ser levada adiante pela agência sindical, tão fragiliza da pela fragmentação decorrente da terceirização total do trabalho. Apenas consciente desse diagnóstico é possível dar um novo fôlego para aação coletiva dos sindicatos.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: Ensaios de sociologia do trabalho. São Paulo: Projeto Editorial Praxis, 2007.

ANTUNES, Ricardo; SILVA, Jair Batista da. Para onde foram os sindicatos? Do sindicalismo de confronto ao sindicalismo negocial. In: **Caderno CRH**, v. 28, n. 75, p. 511-528, set. 2015.

CAIRE, Guy. Introduction. Syndicalisme em crise? In: BIBES, Geneviéve; MOURIAUX, René. **Les Syndicats Européens à l’épreuve**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1990.

CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo, Xamã, 1996.

COSTA, Samuel N. **Faces da reestruturação produtiva**: disputas por representação e alterações no mundo do trabalho. Curitiba, Appris, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAU, Denise. A expansão da terceirização no Brasil e a estratégia da CUT de

enfrentamento à precarização do trabalho. In: DAU, Denise; RODRIGUES, Iram;

CONCEIÇÃO, Jefferson (orgs). **Terceirização no Brasil**: do discurso da inovação à

precarização do trabalho. São Paulo: Annablume/CUT, 2009.

DIEESE. Perfil ocupacional dos empregados do setor de energia elétrica no Brasil:

1998/2004. **Estudos e pesquisas**, ano 3, n. 28, dez. 2006. Disponível em:

https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2006/estpesq28\_eletricitarios.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

1. Considerando a ampliação da terceirização para atividades-fim, momento *sui generis* da atual conjuntura, essa afirmação é ainda mais preocupante. [↑](#footnote-ref-2)